

# **Pesquisas em design, gestão e tecnologia de Têxtil e Moda: volume 9**

Organizadores:

ISABEL CRISTINA ITALIANO

JOÃO PAULO MARCICANO

JÚLIA BARUQUE RAMOS

MARIA SÍLVIA BARROS DE HELD

REGINA APARECIDA SANCHES

São Paulo  
Edições EACH  
2020

DOI: 10.11606/9788564842557



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

2019 – Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP  
Rua Arlindo Bettio, 1000 – Vila Guaraciaba  
Ermelino Matarazzo, São Paulo (SP), Brasil  
03828-000

#### UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Prof. Dr. Vahan Agopyan  
Vice-Reitor Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez  
Diretor Profa. Dra. Mônica Sanches Yassuda  
Vice-Diretor Prof. Dr. Ricardo Ricci Uvinha

#### ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

#### Conselho Editorial das Edições EACH

Presidente Profa. Dra. Isabel Cristina Italiano (EACH/USP – Brasil)  
Vice-Presidente Prof. Dr. Jefferson Agostini Mello (EACH/USP – Brasil)  
Membros Profa. Dra. Ana Paula Fracalanza (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Anna Karenina Azevedo Martins (EACH/USP – Brasil)  
Prof. Dr. Carlos Bandeira de Mello Monteiro (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Clara Vasconcelos (Universidade do Porto – Portugal)  
Prof. Dr. Daniel Hoffman (Rutgers University - Estados Unidos)  
Profa. Dra. Flávia Mori Sarti (EACH/USP – Brasil)  
Prof. Dr. Humberto Miguel Garay Malpartida (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Juliana Pedreschi Rodrigues (EACH/USP – Brasil)  
Prof. Dr. Marcos Lordello Chaim (EACH/USP – Brasil)  
Maria Fátima dos Santos (EACH/USP – Brasil)  
Prof. Dr. Michel Riaudel (Sorbonne Université – França)  
Rosa Tereza Tierno Plaza (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Rosely Aparecida Liguori Imbernon (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Sandra Lúcia Amaral de Assis Reimão (EACH/USP – Brasil)  
Profa. Dra. Verónica Marcela Guridi (EACH/USP – Brasil)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO  
Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca.  
Maria Fátima dos Santos (CRB-8/6818)

Pesquisas em design, gestão e tecnologia de têxtil e moda : volume 9 /  
organizadores, Isabel Cristina Italiano ... [et al.]. – São Paulo :  
EACH/USP, 2019  
1 ebook

ISBN 978-85-64842-55-7 (recurso eletrônico)  
DOI 10.11606/9788564842557

1. Tecnologia têxtil. 2. Moda – Design – Pesquisa. 3. Tecnologia têxtil –  
Pesquisa. 4. Indústria têxtil – Gerenciamento. I. Italiano, Isabel Cristina,  
org. II. Marcicano, João Paulo, org. III. Baruque Ramos, Júlia, org. IV.  
Held, Maria Sílvia Barros de, org. V. Sanches, Regina Aparecida, org.

CDD 22. ed. – 677

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023: 2018:  
ITALIANO, I. C.; MARCICANO, J. P.; BARUQUE RAMOS, J.; HELD, M. S. B.; SANCHES, R. A.  
(org.). **Pesquisas em design, gestão e tecnologia de têxtil e moda**: volume 9. São Paulo:  
EACH/USP, 2019. 1 ebook. DOI 10.11606/9788564842557.

Como citar o capítulo desta publicação, segundo ABNT NBR 6023: 2018:  
SOBRENOME, Iniciais do(s) pré-nome(s). Título do capítulo. *In*: ITALIANO, I. C.; MARCICANO, J. P.;  
BARUQUE RAMOS, J.; HELD, M. S. B.; SANCHES, R. A. (org.). **Pesquisas em design, gestão e  
tecnologia de têxtil e moda**: volume 8. São Paulo: EACH/USP, 2019. p. xx-xy. DOI  
10.11606/9788564842557.

# Os homens de negro: trajés da Companhia de Jesus no Brasil do século XVIII

*The men in black: costumes of the Company of Jesus in the 18th century*

**Fausto Viana**

*Universidade de São Paulo - USP – Brasil*

**Isabel Cristina Italiano**

*Universidade de São Paulo - USP – Brasil*

Esta terra é nossa empresa.  
*Manuel da Nóbrega, 2017, p. 67.*

## 1. Introdução

Em 9 de agosto de 1549, da Bahia, escrevia o padre Manuel da Nóbrega (1571-1570) para seu irmão de ordem religiosa, o padre Simão Rodrigues de Azevedo (1510-1579):

Também peça vossa reverendíssima algum petitório de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da religião cristã, porque vêm todos a esta cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devoção e vêm rezando as orações que lhes ensinamos e não parece honesto estarem nuas entre os cristãos na igreja, e quando as ensinamos (NÓBREGA, 1549).

A ordem religiosa a que ambos pertenciam era a Companhia de Jesus, fundada em Paris em 1534 por Inácio de Loyola (1491-1556) e mais seis companheiros de estudo. Inácio de Loyola pertencia a uma família de posses de Azpeitia, no nordeste da Espanha, “sob o comando dos reis Fernando II e Isabel, os grandes responsáveis pelo retorno da inquisição ainda em formato mais virulento do que o anterior, o qual perdera força no século XIV”. (CORDEIRO, 2016, p. 21). Iñigo de Loyola, o nome de origem basca que Inácio de Loyola trocava mais adiante, foi entre 1507 e 1517 pajem de Juan Velázquez de Cuéllar, “*contador mayor* (uma espécie de ministro da Fazenda) do reino de Castela”, como explica Cordeiro, complementando que “vivendo numa das residências de Cuéllar, em Arévalo, estava sempre bem vestido, com os cabelos loiros compridos bem cuidados e as unhas impecáveis. Foi preparado para uma vida de amores, aventuras, viagens e feitos militares” (CORDEIRO, 2016, p. 22).

Como é típico na vida de muitos santos da igreja católica, houve um momento traumático na vida do jovem de 30 anos - uma bala de canhão quase lhe amputou a perna. Para se recuperar do trágico incidente, hospedou-se na casa de seu pai, onde teve acesso a um relato da vida de Jesus e a um almanaque sobre a vida de vários santos. Foi então que percebeu “que as biografias dos santos tinham toda a aventura que ele sempre desejara para si. Os momentos de dor e provação, que o colocaram bem perto da morte, devem ter ajudado a despertar um interesse especial pela experiência religiosa.” (Ibid., p.23)

Já recuperado do acidente, em 1522, parte para o monastério de Montserrat, “mantido pelos beneditinos e construído ao lado de um monólito, nas proximidades de Barcelona. (...) No altar da Virgem Maria, entregou sua pesada e seu punhal. Em seguida, doou suas roupas, sua mula e vestiu uma manta em uma peça única, feita do mesmo tecido grosseiro para confeccionar sacos” (Ibid., p. 24). Assim se vestiria até o fim de sua vida: com trajes simples, quase miseráveis.

Vale lembrar que Inácio de Loyola só vai estudar teologia em Paris em 1528, e os já citados seis amigos se reúnem em 1534 e lançam seus votos de castidade, celibato e pobreza. O quarto voto é a obediência ao Papa em relação à sua missão (IMMACULATE CONCEPTION CHURCH, [2---]). São eles:

Pedro Fabro, Francisco Xavier, Diogo Laínez, Alfonso Salmerón, Nicolás Bobadilha e... Simão Rodrigues, o padre a quem o missivista Manuel da Nóbrega escreve em 1549.

Fundam então a *Societas Jesu*, que significa Sociedade de Jesus e “caracteriza com perfeição o espírito do grupo: uma milícia<sup>1</sup> organizada, com hierarquia bem definida e padrão fixo de conduta” (CORDEIRO, 2016, p. 27). O Papa Paulo III reconheceu a irmandade em 27 de setembro de 1540.

## 2. O surgimento do hábito negro

Se Inácio de Loyola assume vestes puídas e de material rústico, uma importante questão é como se chega ao hábito negro que vemos no Brasil no século XVIII. É necessário definir qual foi a trajetória do traje da irmandade.

Muito provavelmente não foi o traje disseminado no Brasil por Manuel da Nóbrega. Um sacerdote que estava no Brasil no mesmo período de Nóbrega assim o descreveu:

Oh, padre, se vísseis os padres que andam em São Vicente por esses matos e campos! Se vísseis o Nóbrega que é o seu superior, veríeis um homem que o não parece, e um homem de engonços e de pele e de ossos. Um rosto de cera amarelada, anda que muito alegre sempre e cheio de riso; uns olhos sumidos; com um vestido que não sabeis se o foi alguma hora; os pés descalços, esfolados do sol. [...] Se com isto vísseis sua afabilidade, alegria espiritual e caridade dentro e fora de casa (NÓBREGA, 2017, p. 26).

Em carta de 1552, Nóbrega explica que “no vestido ainda remediamos com o que ainda do reino trouxemos, porque a mim ainda me serve a roupa com que embarquei, que Vossa Reverência por especial mandado me

---

<sup>1</sup> Milícia, neste caso, não é o que acontece no Brasil neste momento histórico em diversos lugares. Esta milícia, a Sociedade de Jesus, é um grupo de homens que se une para combater em prol de uma causa religiosa.

mandou trazer, a qual já tinha servido no colégio, em São Fins e no comer vivemos por esmolas” (Ibid., 2017, p. 142) Ou seja, ele explica que ainda usa a única túnica que tinha e com a qual chegou ao Brasil em 1549 e que este é o único traje que veste há muito mais de três anos, pois já o usara no Colégio de Coimbra e na cidade de São Fins do Minho, em Portugal.

Em carta datada de 1553, ou seja, um ano depois, ele explica que ainda usa a roupa que trouxe do reino. Em 1558, aponta que recebeu “uma esmola de pano e o mais como mandaram este ano e *sufficit nobis* (Nota: Basta para nós)” (Ibid., 2017, p. 252). Em 1561, ele escreve:

Estamos em terra tão pobre e miserável, que nada se ganha com ela, porque é a gente tão pobre, que, por mais pobres que sejamos, somos mais ricos que eles. Não é poderosa toda gente do Brasil a sustentar-nos aos da Companhia de vestido, ainda que seja mais vil que de frades de São Francisco (Ibid., 2017, p. 331).

Os franciscanos chegaram ao Brasil em 1584, mas já estavam em Portugal desde 1216. O manto que se acredita tenha pertencido ao padre José de Anchieta, existente no Pátio do Colégio, em São Paulo, é muito mais um traje franciscano do que jesuíta, a ordem do padre. É castanho e não se assemelha ao traje que é normalmente associado aos jesuítas: uma túnica preta, com capa e chapéu (ou solidéu). Outra ordem religiosa que chegou ao Brasil no período colonial foi a dos beneditinos, em 1596 (e chegada a Portugal entre 1080 e 1115). Os carmelitas chegaram em 1586 na Bahia (em Portugal, em 1251). Os capuchinhos chegaram ao Maranhão em 1612 e em Olinda e Recife pouco depois, em 1642 (não estavam estabelecidos em Portugal). Todos os trajes destas ordens estão apresentados na obra *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XVIII* (VIANA; ITALIANO, 2018).

Esta mistura de diferentes hábitos, entre eles os pretos, podem ser um indicativo do porquê de no Brasil do século XVIII falarem sobre os jesuítas como os homens de negro.

### 3. Um problema de definição nas bases vestimentares da Companhia de Jesus

Peter F. Killeen, em seu trabalho para o doutorado de filosofia na Universidade Católica da América, em Washington D.C., traça uma sequência lógica do porquê de Inácio de Loyola não ter estabelecido nas Constituições da Sociedade de Jesus um hábito religioso para a irmandade, nos moldes das tradições já estabelecidas:

Em parte, ele desejava romper com os vários modelos de vida religiosa que estavam sob o ataque dos Reformistas Protestantes. Outra parte da resposta pode ser encontrada em uma experiência pessoal de Inácio durante seu tempo como aluno na Universidade de Alcalá<sup>2</sup>. Durante este período, Inácio e seus cinco companheiros se vestiam, de acordo com a descrição de uma testemunha, ‘até os pés em hábitos talaes lisos e sem graça, e vestem sapatos rústicos, que dá a eles a aparência de serem apóstolos’ (KILLEEN, 2015, p. 93).

Quando tratou desta experiência em Alcalá mais tarde, Inácio de Loyola disse que não havia estabelecido um traje para a irmandade porque “no começo (Nota: ainda em Alcalá), nós vivemos como penitentes e usamos um traje diferente”, como citado por Killeen, que acrescenta que “ele mais tarde se convenceu a se vestir de uma maneira mais típica dos clérigos porque ‘o que nós vestimos importa muito pouco’” (Ibid., p. 93).

Nas Constituições da Sociedade de Jesus, na página 127, é esclarecido que a proposta do traje deve ser clara: “proteger do frio e preservar o decoro. Além disso, é bom para aqueles que estão em provação para aproveitar o traje como meio de mortificação e abnegação de si próprio e superar o mundo e suas vaidades” (PADBERG, 1996, p. 127). Mais adiante, na página 239 do texto

---

<sup>2</sup>Inácio de Loyola chegou na universidade de Alcalá em 1526, e lá ficou até 21 de junho de 1527. Seu objetivo era estudar filosofia e teologia.

que usamos para este artigo, mas que é baseado nos textos originais em latim de 1558, e possível ler que:

As roupas devem ter três características: primeira, deve ser apropriada; segunda, em conformidade com o uso do país de residência; e terceira, não ser contraditória com a pobreza que profetizamos, como aconteceria com o uso de seda ou de roupas dispendiosas. Estas não deveriam ser usadas, para que tudo que se encaixe na humildade e a submissão possa ser preservado para a maior glória divina (Ibid., p. 239).

No caso daqueles que estão entrando para a irmandade, há regras claras quanto aos trajes: “Se eles trouxerem alguns tecidos ou semelhantes caros, não há dificuldade em autorizar seu uso. Também não haverá dificuldade se alguém usar trajes melhores, mas adequados, em alguma circunstância ou necessidade; mas estes não devem ser usados como trajes ordinários” (Ibid., p. 239). No que se refere aos hábitos comuns, do dia a dia, eles dizem que:

A vida comum da Sociedade (de Jesus) deve ser entendida como a seguir: 1º- Em termos de comida, vestuário e outras necessidades da vida, as superficialidades devem ser sempre evitadas e os mesmos padrões de vida das diferentes comunidades e dos membros nelas devem ser mantidos, na medida em que as diferenças de ministérios e lugares permitam (Ibid., p. 240).

Os preceitos ligados aos três votos fundamentais da irmandade (castidade, celibato e pobreza), como vimos, devem ser praticados não só pelo irmão que está no exercício do ofício, mas também no dia a dia.

Nossa maneira de viver, portanto, no que diz respeito aos alimentos, roupas, habitação, recreação, férias, viagens, instalações de trabalho e assim por diante devem ser apropriados para os discípulos do pobre Cristo e não além do que as pessoas de meios modestos podem pagar, aqueles que devem trabalhar arduamente para sustentar a si e às suas famílias. A este respeito, aqueles que têm posições influentes e bem assalariadas devem estar especialmente atentos. Se devemos empreender viagens ou usar equipamentos que excedam tais limites, estes devem realmente ser, e na medida do possível serem vistos claramente necessários para o nosso apostolado sozinho, maneiras que empregamos dentro dos limites impostos pela nossa pobreza e nunca como pertencendo a nós mesmos sozinhos (Ibid., p. 242).

Peter Killeen percebe, e nós concordamos com ele, que

Enquanto fica claro que a Sociedade de Jesus não prescrevia um traje oficial jesuítico, fica igualmente claro que os primeiros jesuítas usavam um traje de clérigos, que os distinguiu da laicidade. Não dá para discutir nem mesmo razoavelmente que os primeiros jesuítas andassem vestidos como cada um bem entendia. Em uma seção das *Constituições* (...), Inácio recomendava a uniformidade como um valor positivo: 'Ainda uma grande ajuda pode ser encontrada na uniformidade, tanto uniformidade interior de doutrina, julgamentos, e determinações, na medida do possível, como na uniformidade exterior no que tange aos trajes, cerimônias da missa, e outras tais questões' (KILLEEN, 2015, p. 91)

Ao mesmo tempo, em Portugal e posteriormente no Brasil, por todas as razões expostas acima, desde a humildade, pobreza e castidade até a

uniformidade, um aspecto visual foi se firmando em relação aos jesuítas, membros da Companhia de Jesus:

Isso significava que os primeiros jesuítas se vestiram nos moldes do clero diocesano de um dado local. Isto foi traduzido em batinas coloridas, variadas e estilizadas, dependendo da região: em Roma, uma batina preta; na Espanha, batinas coloridas de acordo com uma determinada área; no Brasil, uma indumentária como os jesuítas usavam em Portugal, e em Pequim uma adaptação de um traje mandarim (Ibid., p. 90).

O Brasil, portanto, herdou o traje que era empregado em Portugal pelos membros da Companhia de Jesus.

Apesar de Inácio e os primeiros jesuítas não terem legislado sobre um hábito religioso, parte da herança jesuíta inclui o desenvolvimento de uma batina sem botões, com cingulo, que era de fato unicamente jesuíta. Esta batina foi inicialmente desenvolvida pelos primeiros jesuítas ainda no século XVII e parece ter se tornado universal em seu uso (Ibid., p. 93).

#### **4. Referências visuais do traje dos jesuítas**

Sempre que partimos para um trabalho de modelagem histórica, além de todo o levantamento teórico que já apresentamos, há um levantamento imagético para analisar a peça em diferentes situações, se possível. Sempre procuramos uma fonte primária vital - a peça em si. Neste caso, não foi possível encontrar uma peça do século XVIII que tenha pertencido a um jesuíta - mesmo porque eles costumavam ter apenas um traje e eram comumente sepultados com ele. Na sequência, procuramos imagens feitas no período e evitamos as pinturas feitas depois da morte de uma personalidade que tenha vestido o traje. Por exemplo, o Padre Anchieta morreu no século XVI, mas seus

quadros mais famosos foram feitos nos séculos XIX e XX, ou seja, foram pintados por artistas que não conviveram com o objeto a ser retratado, o que diminui as chances de fidelidade do traje retratado. O pintor pode ter inventado, visto um livro, ter-se permitido recriar um traje mais digno para determinada pintura... Se um artista já recria um traje quando o retratado está em sua frente, imagine-se os níveis de divagação que eles podem atingir quando não existe uma referência clara do retratado - e essa não é uma crítica ao processo criativo. É que do ponto de vista documental muito se perde.

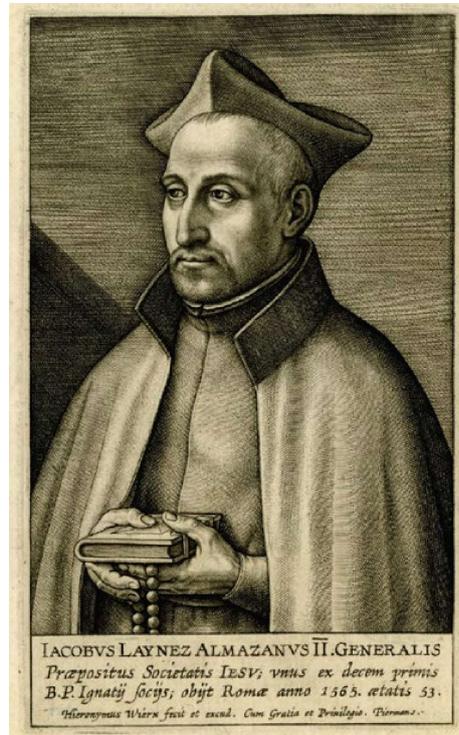
Para este trabalho, utilizamos o retrato de Diogo Laínez (Figura 1), do século XVI. É possível ver a parte de cima do traje, bem como a capa, o chapéu e a parte de cima da túnica. Apesar de ser uma gravura em preto e branco, tudo leva a crer que o traje é preto, como o da Figura 2, feita no Japão também no século XVIII e que retrata Francisco Xavier com capa, cingulo e túnica pretos.

Do século XVIII conseguiu-se uma imagem que ainda não foi identificada corretamente, ainda que seja muito citada como um jesuíta no Brasil no século XVIII (Figura 3). Seu traje, amarrado na cintura, é preto. A imagem lembra os desenhos de Lady Maria Callot (1785-1842), mas a obra não é dela.

A Companhia de Jesus teve problemas políticos com o Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782). “Um alvará real datado de 3 de setembro de 1759 declarava que os jesuítas estavam em rebelião contra a Coroa, reforçando o decreto real de 21 de julho do mesmo ano, onde ordenava que os jesuítas fossem expulsos do Brasil”, explica Kenneth Maxwell (2015, p. 109). Foi nesse contexto que as coisas ficaram difíceis para o Padre Gabriel Malagrida (1689-1761), na Figura 4, que havia sido missionário no Brasil entre 1721 e 1749, e novamente entre 1751 e 1753. Depois do grande terremoto de 1755, que destruiu a maior parte de Lisboa, Malagrida publicou um panfleto, *Juízo da verdadeira causa do terremoto*, em que atribuía o desastre ao castigo divino, provocando a ira do Marquês de Pombal, que não “poupara esforços para explicar que os terremotos eram fenômenos naturais” (Ibid., p. 109). Em 1761, Pombal denunciaria pessoalmente Malagrida à Inquisição, acusando-o formalmente de

cumplicidade na tentativa de regicídio no caso dos Távoras<sup>3</sup>. Foi executado de modo bárbaro.

Figura 1 - Retrato de Diogo Laínez, mostrando cabeça e ombros, usando o hábito jesuíta e chapéu, segurando um livro fechado e um rosário



Fonte: The British Museum<sup>4</sup>, 2019.

---

<sup>3</sup> O Rei D. José I tinha uma amante, a Marquesa de Távora. Saía um dia de madrugada da casa dela quando sua carruagem foi alvejada por tiros. O rei ficou ferido. Várias pessoas foram presas, inclusive membros da família dos Távoras. Julgados e condenados, foram executados de modo cruel, ao ar livre, em Lisboa.

<sup>4</sup> Disponível em [https://media.britishmuseum.org/media/Repository/Documents/2014\\_10/11\\_5/fe9e2771\\_f0b9\\_4cf6\\_b176\\_a3c10057c983/mid\\_00603686\\_001.jpg](https://media.britishmuseum.org/media/Repository/Documents/2014_10/11_5/fe9e2771_f0b9_4cf6_b176_a3c10057c983/mid_00603686_001.jpg). Acesso em 29 out. 2019.

Figura 2 - Retrato de Francisco Xavier, datado do século XVII e feito no Japão. Coleção do Museu da Cidade de Kobe



Fonte: Wikimedia Commons, 2019.

Figura 3 - Um jesuíta do século XVIII, no Brasil



Fonte: Wikimedia Commons, 2019 (sem autor). Nota dos autores: esta imagem foi utilizada para realizar comparações com outros desenhos e trajes do período, mas não se tem certeza, ainda, se é autêntica.

Figura 4 - Um jesuíta do século XVIII que teve fim trágico - o Padre João Malagrida, executado em 1761



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, 2019.

## 5. A modelagem do traje da Companhia de Jesus

Esta parte do capítulo está publicada integralmente em Viana e Italiano (2018, p. 114 a 117).

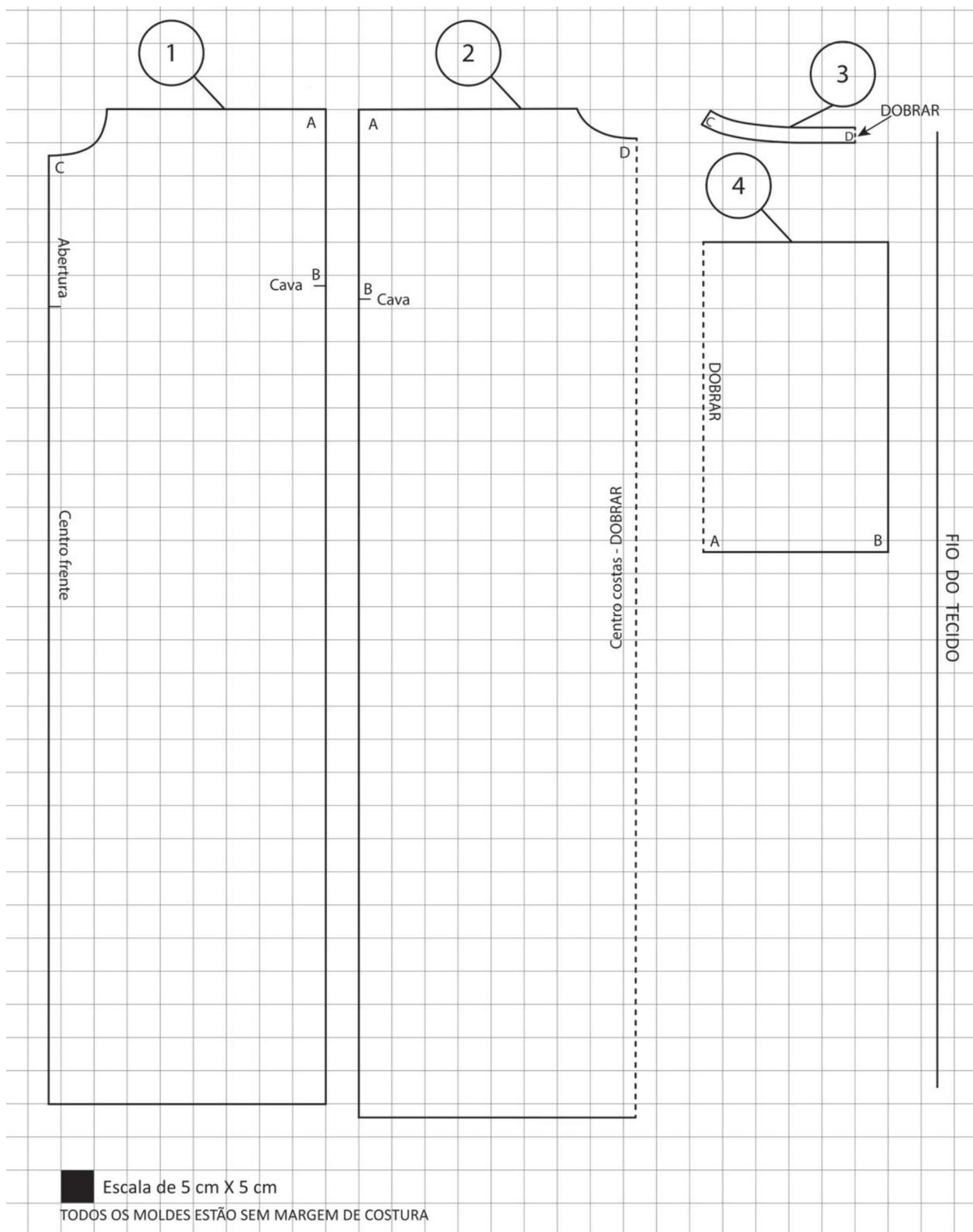
### INSTRUÇÕES DE CORTE E PONTOS DE ATENÇÃO NA CONFECÇÃO DO TRAJE:

Modelagem tamanho M adulto (Figuras 5 e 6).

PARTES:

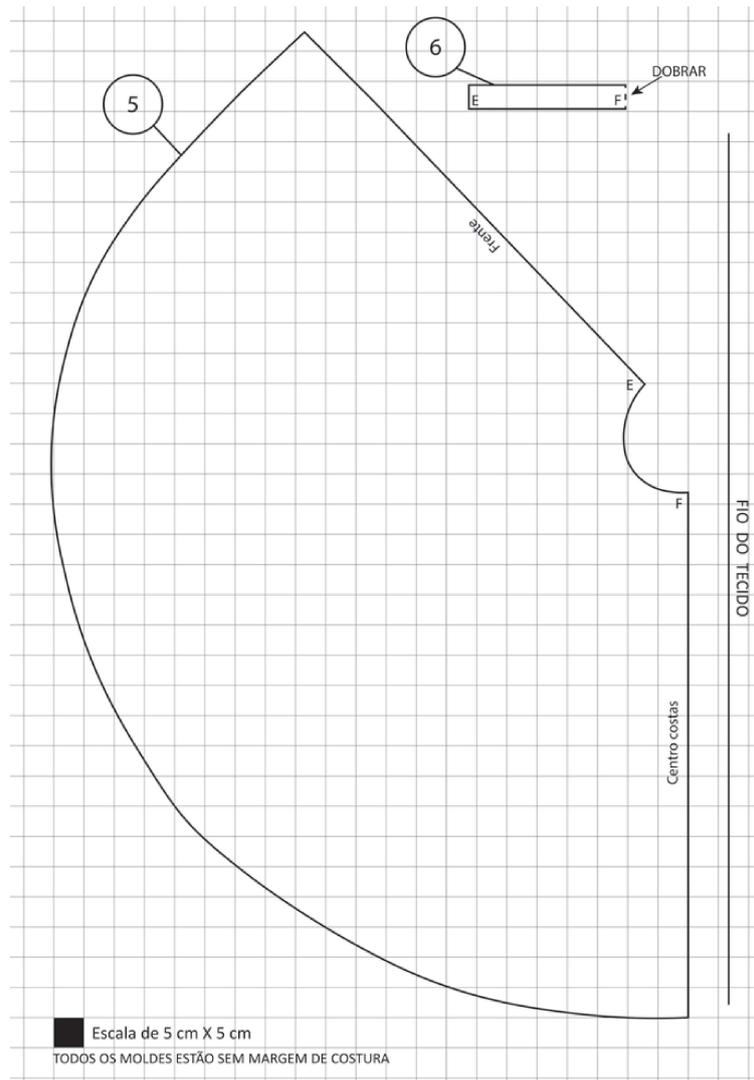
- 1 – TÚNICA – Frente – cortar 2 vezes no tecido
- 2 – TÚNICA – Costas – cortar 1 vez no tecido dobrado
- 3 – TÚNICA – Gola – cortar 2 vezes no tecido dobrado
- 4 – TÚNICA – Manga – cortar 2 vezes no tecido dobrado
- 5 – CAPA – cortar 2 vezes no tecido
- 6 – CAPA – Gola – cortar 2 vezes no tecido dobrado

Figura 5 - Moldes da túnica usada pelos Jesuítas no século XVIII



Fonte: Viana e Italiano (2018, p. 114). Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Figura 6 - Moldes da capa (manto) usada pelos jesuítas no século XVIII



Fonte: Viana e Italiano (2018, p. 114). Modelagem e diagrama: Isabel C. Italiano, 2018.

Ao cortar a túnica, deixar 3 cm de margem de costura no centro frente. Fechar a túnica na frente, deixando apenas uma abertura, indicada no molde. O acabamento da abertura pode ser feito dobrando-se as margens de costura da abertura para dentro, finalizando com pontos à mão. Para fechar o decote, pode-se usar um gancho. A Figura 7 mostra o detalhe da abertura frontal da túnica.

O comprimento da túnica deve ser ajustado, conforme desejado. Fazer uma barra de 2 cm, dobrada duas vezes. A manga também tem uma barra de 2 cm dobrada duas vezes. Para a montagem da capa, unir as partes no centro

das costas. Costurar a capa à respectiva gola. Usar duas pequenas tiras para amarrar. O acabamento da barra deve ser feito com revel, ou viés escondido. O acabamento da frente deve ser feito com barra de 2 cm dobrada duas vezes.

A Figura 8 mostra o acabamento da frente da capa, detalhando sua junção com a gola e a amarração.

Figura 7 - Detalhe da abertura frontal da túnica jesuíta



Fonte: Viana e Italiano (2018, p. 115). Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

Figura 8 - Detalhe da gola e amarração na capa do traje jesuíta



Fonte: Viana e Italiano (2018, p. 116). Foto: Isabel C. Italiano, 2017.

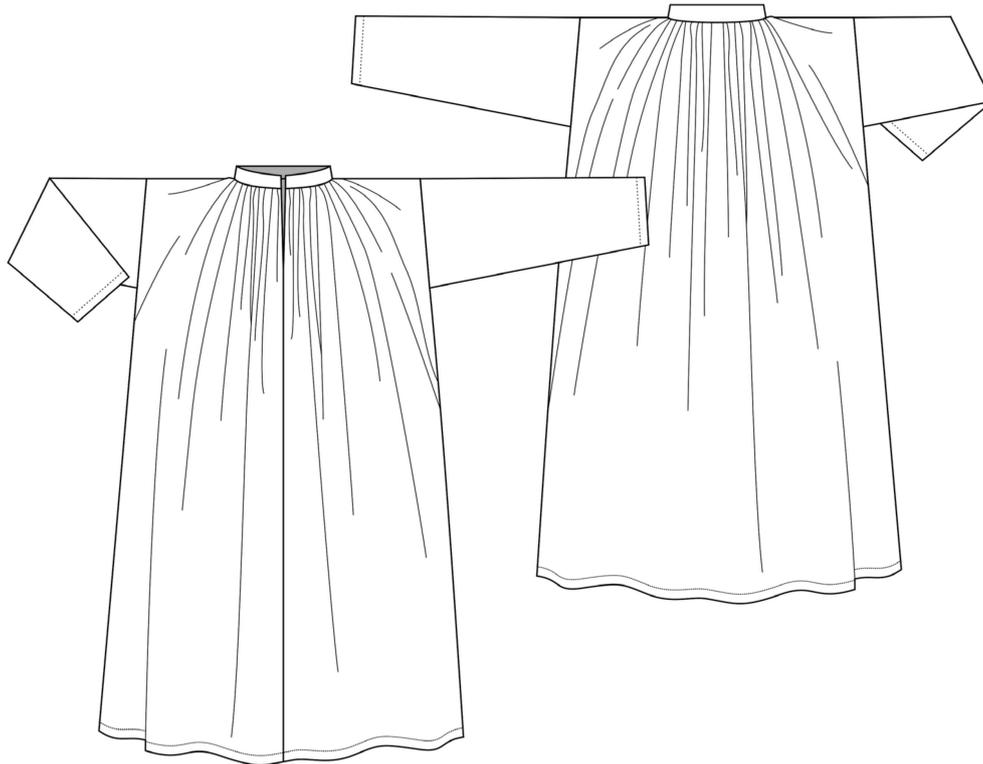
As Figuras 9, 10, 11 e 12 mostram fotos do traje jesuíta finalizado e a Figura 13, o desenho técnico do traje.

Figuras 9, 10, 11 e 12 - O protótipo do traje jesuíta do século XVIII



Fonte: Viana e Italiano (2018, p. 116 e 117). Fotos: Maria Celina Gil, 2018.

Figura 13 - Desenho técnico da túnica usada pelos jesuítas no século XVIII



Fonte: Viana e Italiano (2018, p. 117). Desenho: Juliana Matsuda, 2018.

## 6. Reflexões finais

Ao não fazer uma opção por determinado traje para os membros da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola indiretamente fez uma escolha: a de que os trajes usados no país em que os irmãos estivessem atuando fossem adotados como trajes de uso da irmandade. E estabeleceu isso como regra nas Constituições da Sociedade de Jesus, em 1558.

No Brasil, o reflexo imediato veio de Portugal – os trajes adotados lá foram escolhidos para serem usados aqui. Havia inclusive um permanente rodízio entre missionários no Brasil que vinham de Portugal. Não encontramos ainda registros que indiquem se algum missionário que servia, por exemplo, no Japão, tenha trazido os trajes que usou em missão lá, o que certamente traria um novo olhar para os trajes da Companhia de Jesus no século XVIII no Brasil, então uma extensão do território português.

O preto escolhido pela irmandade mostra também a severidade de seus princípios, duramente estabelecidos por Loyola e seu grupo em 1558. Apesar de muitos considerarem o preto como a cor do luxo, pois é um pigmento muito caro de ser obtido até o século XVIII, pensamos que neste caso o preto tenha uma função mais aprofundada, que é cobrir o corpo humano sem revelar suas formas, o que também é favorecido pelo corte e modelagem dos trajes. Como não há o pressuposto de roupa interior, e muito provável que um traje de outra cor - como a branca, por exemplo – fosse ressaltar porções anatômicas que não eram o foco da irmandade.

Apesar de o traje ainda ser associado à irmandade - e ela ainda existe no Brasil, pois voltou já no período imperial, por volta de 1840 – o traje da irmandade caiu em desuso “entre os jesuítas depois do Concílio Vaticano II (Nota: em 1962), e é raramente vestido pelos jesuítas hoje” (KILLEEN, 2015, p. 93).

Killeen também chama a atenção para o fato que não foi apenas o traje dos jesuítas que mudou:

O hábito religioso tinha sido um elemento consistente nas vidas dos homens religiosos católicos, exceto durante os períodos de perseguição política, até que uma marcada redução nesta tradição aconteceu depois do Vaticano II. Esta diminuição foi trazida em parte por grandes mudanças culturais dentro tanto da igreja como da sociedade que ocorreram durante o século XX. Uma dessas viradas foi gerada pelo Papa Pio XII, que solicitou repetidamente que os institutos de mulheres religiosas atualizassem e se adaptassem ao mundo moderno modificando, entre muitas coisas, seu hábito religioso (Ibid., p. 1).

Como resultado do Vaticano II, os padres emitiram um documento chamado de *Perfectae Caritatis* (PAPA PAULO VI, 1965), onde se lê, no item 17:

## O hábito religioso: sua reforma e atualização

O hábito religioso, como sinal de consagração, seja simples e modesto, simultaneamente pobre e condigno, e, além disso, consentâneo com as exigências da saúde e acomodado às condições de tempo e lugar e às necessidades do ministério. O hábito, masculino ou feminino, que não estiver de harmonia com estas normas, deve ser mudado.

Killeen ainda chama a atenção para o paradoxo do momento: enquanto os documentos oficiais da hierarquia eclesiástica desde o Vaticano II “têm sistematicamente solicitado que os religiosos deem atenção ao hábito, muitos religiosos contemporâneos acreditam que a vida religiosa pode ser mais fielmente vivida sem ele”.

Parece que o documento de Loyola de 1558, no que se refere aos trajes, nunca esteve tão atual.

## Referências

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. **P. Gabriel Malagrida Societatis Jesu, in Lusitania missionarius apostolicus (cota E-751-P)**. Disponível em: <http://purl.pt/22582/2/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

CORDEIRO, T. **A grande aventura dos jesuítas no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2016.

IMMACULATE CONCEPTION CHURCH. **The Society of Jesus**. News Orleans, [2--]. Disponível em: <https://jesuitchurch.net/learn/the-society-of-jesus>. Acesso em: 06 jun. 2019.

KILLEEN, P. F. **The development and significance of the religious habit of men**. 2015. 302 f. Dissertação. The Catholic University of America, Washington (EUA), 2015.

MAXWELL, K. **O Marquês de Pombal**: ascensão e queda. Queluz: Manuscrito, 2015.

NÓBREGA, M. **Nesta terra há um grande pecado**: [correspondência]. Destinatário: Simão Rodrigues de Azevedo. Bahia, 9 ago. 1549. 1 carta. Extraída da obra: NÓBREGA, M. *Cartas do Brasil: 1549-1560*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1931. p. 79-87. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/nesta-terra-ha-um-grande-pecado>. Acesso em: 05 jun. 2019.

NÓBREGA, M. **Obra completa**. Organização de Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Edições Loyola, 2017.

PADBERG, J. W. **The Constitutions of the Society of Jesus and Their Complementary Norms**: a complete English Translation of the Official Latin Texts. Saint Louis: The Institute of Jesuit Sources Saint Louis, 1996.

PAPA PAULO VI. **Decreto - *Perfectae Caritatis* - sobre a conveniente renovação da vida religiosa**. 28 out. 1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_perfectae-caritatis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html). Acesso em: 7 jun. 2019.

VIANA, F.; ITALIANO, I. **Para vestir a cena contemporânea**: moldes e moda no Brasil do século XVIII. São Paulo: ECA USP, 2018.

THE BRITISH MUSEUM. **Effigies Praepositorum Generalium Societatis Iesu / Diego Laínez**. Número da peça no museu: 1859,0709.3221. Coleção online. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=3024346&partId=1](https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3024346&partId=1). Acesso em: 06 jun. 2019.

WIKIMEDIA COMMONS. **Brazil 18thc JesuitFather.jpg**. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil\\_18thc\\_JesuitFather.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brazil_18thc_JesuitFather.jpg). Acesso em: 06 jun. 2019.

WIKIMEDIA COMMONS. **Francis Xavier**. Disponível em:  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Francis\\_Xavier](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Francis_Xavier). Acesso em:  
06 jun. 2019.

### **Sobre os autores:**

**Fausto Viana:** Pesquisador de indumentária, moda e trajes de cena. É professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*, *Dos cadernos de Sophia Jobim... desenhos e estudos de história da moda e da indumentária* e *Traje de cena como documento*.

**Isabel Cristina Italiano:** Professora do curso de Bacharelado em Têxtil e Moda e do programa de pós-graduação em Têxtil Moda, na Universidade de São Paulo. Interesse nas áreas de desenvolvimento de PRODUTOS DE MODA (modelagem e confecção), TRAJES DE CENA (modelagem e confecção de trajes de cena para exposições, teatro, cinema, televisão e dança), TRAJES HISTÓRICOS (modelagem e confecção) e WEARABLES (criação e desenvolvimento).